

lhe interessa como docente universitário e como escritor e, a visar cúmplices, cremos que virão em primeiro lugar os seus colegas de profissão, que lerão os seus textos com satisfação e proveito.

Fazendo um percurso teórico-crítico que passa em revista os grandes problemas que ocuparam a teoria literária ao longo do século XX e que, de um modo geral, continuam a ocupar-nos, o autor reflete sobre a, sempre pertinente, questão de uma (im)possível essência da literatura e do inescapável conceito de literariedade segundo o formalismo russo e a (ao tempo) afortunada teoria jakobsoniana da função poética da linguagem, sobre as funções da literatura, sobre os tão debatidos problemas da autoria e da morte do autor. Tudo isto apoiado numa ideia de literatura como “representação do humano”, onde se harmonizam o professor de teoria da literatura que o escritor foi e o estudioso e o poeta que o autor é.

Seguindo a lógica da argumentação despendida ao longo dos vários estudos, vem a reflexão sobre o cânone, aplicada, no caso em apreço, aos ensinamentos básico e secundário. Assim, “O cânone no ensino do português” parece vir na sequência das públicas discussões sobre a retirada de autores canónicos dos programas escolares e conseqüente empobrecimento da literatura, o que leva à questionação da sua legitimidade e do respetivo nivelamento que a coloca a par das outras práticas discursivas sociais.

Sem a veemência de um Vasco Graça Moura sobre o mesmo assunto, Manuel

Gusmão é, porém, firme na sua defesa do cânone e nas recomendações que faz quanto ao modo de o trabalhar, a fim de o tornar um “instrumento necessário à educação literária, enquanto orientação estratégica do ensino da língua materna” (p. 184). Fazendo suas as palavras de Fernanda Irene Fonseca – uma das linguistas que, em nosso entender, melhor tem trabalhado a relação entre a língua e a literatura –, segundo a qual a literatura “é um modelo de exploração e experimentação criativa da língua” e as de Coseriu, para quem “um texto literário é um lugar da plenitude funcional da linguagem”, posição também cara a Fernanda Irene, ele defende o ensino da literatura como arte, como cultura e como história. Acaba, assim, por unir nesta síntese os princípios que, fomos percebendo dos vários estudos que compõem o livro, o orientam como professor e estudioso da literatura e com a qualidade a que ele de há muito nos vem habituando.

*Rosa Maria Goulart*

**EUGÉNIO LISBOA: VÁRIO, INTRÉPIDO  
E FECUNDO: UMA HOMENAGEM**  
**OTÍLIA PIRES MARTINS E ONÉSIMO  
TEOTÓNIO ALMEIDA (orgs.)**  
**Guimarães, Opera Omnia, 2011**  
**438 páginas, ISBN 9789898309204**

“Este livro é um convívio de amigos”, afirma-se na Introdução assinada por Otília Pires Martins e Onésimo Teotónio-

nio Almeida, responsáveis pela organização do referido convívio, em torno da personalidade singular de Eugénio Lisboa. Trata-se de um convívio mediado pela palavra escrita, e nele participam muitos dos que, por diversas razões e circunstâncias, tiveram a oportunidade de privar com o companheiro, o professor e o poeta a quem prestam homenagem, como o título do volume faz questão de registar.

Diferentemente de muitas outras obras deste teor e com semelhantes objetivos, esta não se apresenta como um conjunto de artigos ou ensaios sem outro vínculo entre si que não seja o desejo de os diferentes autores manifestarem a sua consideração pelo homenageado, através de textos académicos que as respetivas áreas de interesse e de investigação naturalmente suscitam. E aqui reside um primeiro aspeto que merece ser assinalado. Tal como se diz na “Introdução supérflua” que apresenta ao leitor as mais de quatrocentas páginas que se seguem, “O presente não é um volume de pretensões académicas e vai portanto intencionalmente despido de jargão para o ajustarmos ao estilo do homenageado. A todos foi pedido um depoimento na primeira pessoa, para que do conjunto resultasse um volume de apetecer ler” (p. 9), um retrato do intelectual e do homem, uma incursão pela sua vida e pela sua obra. E assim aconteceu, de facto, uma vez que a maior parte dos artigos reunidos tem por tema o próprio Eugénio Lisboa, cuja multifacetada natureza substitui ao

risco da repetição a desafiante descoberta da sua singularidade.

É singular, desde logo, o percurso académico que combina uma licenciatura em Engenharia Eletrotécnica com dois doutoramentos *Honoris Causa* em Letras – na Universidade de Nottingham, em 1988, e na Universidade de Aveiro, em 2002. É, de resto, nesta Universidade que, na qualidade de Professor de Literatura Portuguesa e de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, percorre a “última etapa do [...] percurso oficialmente activo” (são suas as palavras), iniciado muitos anos antes em Moçambique, na área da indústria petrolífera. Deste percurso fazem ainda parte a África do Sul, a Suécia, onde coordenou o ensino do português e lecionou as várias literaturas de língua portuguesa na Universidade de Estocolmo, a Inglaterra, onde exerceu o cargo de Conselheiro Cultural na Embaixada de Portugal em Londres durante dezassete anos, sem por isso abandonar a atividade docente em diferentes universidades, e ainda muitos outros lugares para onde viajou, no espaço e nos livros. É este singular percurso que suscita a Ofélia Paiva Monteiro, na sua contribuição para o volume que agora nos ocupa, a reflexão sobre ciência e poesia como duas vias que se completam e tantas vezes se intercetam na compreensão “da natureza e do ser” (p. 349). Isto mesmo transparece no texto de António Manuel Ferreira sobre a poesia de Eugénio Lisboa – *A matéria intensa* (1985) e *O ilimitável oceano*

(2001) –, ao afirmar que “o rigor da palavra é similar à procurada exactidão da ciência. O mesmo é dizer que poesia e ciência são duas formas de indagação mutuamente influenciáveis: não há verdadeira poesia sem rigor expressivo, nem há grande investigação científica sem o sopro alentador da estética e da fantasia” (p. 68). Mas também no campo do discurso crítico esta mesma relação entre ciência e literatura se mostra relevante, como sublinham as palavras do próprio Eugénio Lisboa acerca do “papel da sua formação em engenharia na vasta obra que produziu”. Afirma o escritor, numa entrevista reproduzida nos “Anexos” que acompanham o conjunto dos depoimentos recolhidos: “O respeitinho pelas palavras e pelas ideias (claras) aprende-se, convivendo com a história das ideias e do pensamento científico – o pensamento daqueles que estavam mais interessados em *compreender* do que em *lançar foguetes*. O discurso literário é, com uma frequência alarmante, um foguetório sem grande sentido, onde habitam os mais rotundos disparates, que se tornam emblemas duráveis e acarinados” (p. 413).

Estas palavras confirmam em absoluto o perfil do homem e do académico construído pelos testemunhos de amigos, alunos e colegas: a frontalidade, o repúdio dos juízos de valor que a repetição transforma em dogmas, o amor da clareza no pensamento e no discurso. Esta clareza, recusando-se a uma leitura em que o texto lido fica na sombra da complexidade metodo-

lógica que o deveria iluminar, é uma das características mais insistentemente valorizadas no ensaísta e no crítico literário. É justamente neste sentido que Paulo Alexandre Pereira, referindo-se à obra *Ler Régio*, publicada em 2010, fala das leituras propostas por Eugénio Lisboa como “relatos, sempre deslumbrados, dessa fruição feliz de ler e de dar a ler, esquivos, portanto, às piruetas exegéticas, aos atavios eruditos ou ao palavroso foguetório que é a consabida vocação de académicos em afanosa adição curricular” (p. 355).

Com diferentes dimensões e registos, são setenta as contribuições que celebram o homem, o professor e o poeta, embora não seja tarefa fácil isolar cada uma destas facetas. Com efeito, como limitar a cada uma delas a inteligência do humor, o fulgor do pensamento e o rigor da palavra, a insaciável curiosidade intelectual ou a invejável memória que alimenta o jogo intertextual presente nas leituras que faz dos livros e do mundo? O elevado número destas contribuições impede a referência a todos os seus autores, bem como a cada um dos temas eleitos. Umas, de natureza mais pessoal, celebram o estimulante convívio do amigo, o contagiante entusiasmo do professor, a independência interveniente do cidadão. Outras escolhem a produção escrita para proporem ao leitor destas múltiplas leituras a revisitação da poesia, do ensaio e dos textos críticos de “corajoso desassombro”, nas palavras de António Braz Teixeira (p. 53). Títulos como *As vinte e cinco*

*notas do texto* (1987), *O objecto celebrado* (1999), *Crónica dos anos da peste* (1996, 2.<sup>a</sup> ed.), *Portugaliae momumenta frivola* (2000), *Indícios de ouro* (2009), *Ler Régio* (2010), para além dos títulos da obra poética já mencionados, constituem-se assim em objeto de reflexão e análise que nos convida a um atento reencontro. E esta é, segundo cremos, a melhor homenagem que se pode fazer a um homem de letras “vário, intrépido e fecundo”. Completa o volume uma curta secção de Anexos, de que fazem parte a entrevista dada a Isabel Fernandes, em 2010, e publicada em *Artes entre as Letras*, a resposta ao *Questionário de Proust* e uma nota biobibliográfica.

Maria do Rosário Cunha

**O SECRETO E O REAL: ENSAIOS SOBRE LITERATURA PORTUGUESA**

**PAULA MORÃO**

Lisboa, Campo da Comunicação, 2011

527 páginas, ISBN 9789898465023

Formulou Nietzsche, num conhecido lugar, que “ler filologicamente” significa enfrentar-se à leitura “teológica”, isto é, significa ler de um modo que não “falsifique” os textos pela “interpretação”. E era justamente o que um “teólogo” – ou aquele cujo “sangue” de teólogo corre nas veias – não podia fazer: “Outro indício do teólogo – diz-nos Nietzsche – é a sua incapacidade para a filologia. Por filologia deve entender-se aqui, em sentido muito geral, a arte de

ler bem; de saber interpretar os factos sem os falsear com interpretações; sem perder, pelo desejo de compreender, a prudência, a paciência, a fineza. A filologia como *ephexis* na interpretação; quer se trate de livros ou de notícias, de jornais, de destinos ou de dados meteorológicos”. Este “sentido muito geral” da leitura filológica segundo Nietzsche – que não foi, como sabemos, o único sentido que o filósofo alemão atribuiu ao termo “filologia” – supõe ainda uma ética que substancia o “ler bem”, que, não sendo uma ciência ou uma teologia, é uma “Kunst”, uma “arte” que comporta rigorosas exigências. É esta “arte de ler bem”, é o exercício de uma leitura filológica nestes termos, que temos no volume *O Secreto e o real. Ensaios sobre literatura portuguesa*, de Paula Morão, que reúne ensaios éditos e inéditos, escritos pela autora, catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ao longo de pouco mais de uma década, concretamente, segundo se indica num pequeno texto prefacial, entre 1998 e 2009. Publicado no ano de 2011, o imponente conjunto de estudos perfaz mais de quinhentas páginas, pelas quais se vão desdobrando três secções maiores de extensão variável. A primeira parte tem por título genérico “Literatura e crítica”; a segunda, por seu turno, “Literatura autobiográfica”; e a terceira, por último, “Autores dos séculos XIX e XX”. O número de páginas (e, em rigor, de ensaios) que cada parte integra vai aumentando de modo exponencial. Assim, se na primeira